

“O POÇO” E A DESIGUALDADE SOCIAL DE RENDA

Guilherme Guimarães Ludwig¹

“*O Poço*” (“*El Hoyo*”) é um filme espanhol de 2019, de ficção científica, terror e suspense. A trama se passa em uma prisão disposta em centenas de andares – com uma cela por andar e dois prisioneiros por cela –. Nesta prisão, denominada de “*centro vertical de autogestão*”, cada prisioneiro pode levar para dentro um objeto de sua livre escolha. Ao centro da estrutura predial, há uma vala por onde desce uma plataforma com a comida. A cela do andar mais alto (nível 1) recebe a plataforma plena de alimentos da melhor qualidade. Ocorre que, em cada andar, a plataforma permanece apenas 2 minutos por dia e desce, sendo proibido aos prisioneiros estocar a comida, sob pena de morte. Na medida em que os presos de cada andar superior vão se alimentando com fartura e em desperdício, vai sobrando menos e menos comida na plataforma para os andares inferiores, até nada mais restar.

É uma lógica insustentável, pois deixa aos prisioneiros de baixo a opção do canibalismo como único meio de sobrevivência. De mês em mês, todavia, há uma mobilidade aleatória das duplas de prisioneiros, que podem ambos descer ou subir de andar, ao arbítrio exclusivo da administração. O personagem principal (Goreng) ingressa voluntariamente na prisão, para tentar deixar de fumar em seis meses e leva consigo o livro “*Dom Quixote*” de Cervantes. Os três sucessivos companheiros de cela de Goreng representam uma espécie de evolução interior do personagem quanto às possibilidades de superação do problema com o qual se depara:

a) Trimagasi (níveis 48 e 171) representa a racionalidade individualista e pragmática: “*o óbvio*”, como sempre diz. Ele entende e não contesta a contradição da prisão, racionalizando sua própria estratégia de sobrevivência. Traz consigo uma faca: o indispensável para sobreviver, rejeitando o diálogo entre os diversos níveis: - “*não chame os de baixo, porque estão abaixo; os de cima, porque não te respondem*”. Em suma, é o técnico que entende as regras, mas não questiona a estrutura. Não propõe e nem se interessa por achar uma solução geral e definitiva para o problema.

b) Imogüiri (níveis 33 e 202) representa a lógica solidária otimista: busca o convencimento de todos em torno da solução mais eficiente, numa postura proativa. Ela prega a solidariedade espontânea a partir da argumentação: - “*se todos comessem apenas o necessário, chegaria aos níveis inferiores*”. Embora trabalhando na administração por 25 anos, ignorava até ali os horrores da prisão, representando assim o descolamento total e absoluto entre os executores e os destinatários das regras.

¹ Doutor e Mestre em Direito pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Extensão universitária em Economia do Trabalho pelo CESIT/UNICAMP, Professor de Direito e Processo do Trabalho na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Juiz do Trabalho na 5ª Região, Titular da Cadeira 62 da Academia Brasileira de Direito do Trabalho

c) Baharat (nível 6), por fim, representa a crença na fé religiosa dos homens: seu grande propósito é alcançar o nível mais alto (“o paraíso”), trazendo consigo, para isso, exatamente uma corda. Ele pede aos prisioneiros de cima que segurem a corda para que possa ir galgando andares, em troca da vida eterna, mas não logra êxito em sua tentativa, recebendo apenas o escárnio daqueles que estão no andar imediatamente superior.

É crescente, no século XXI, a dependência exclusiva do trabalho como forma de sobrevivência para bilhões de indivíduos. Neste cenário, o Professor Ricardo Antunes propõe uma nova morfologia para a pirâmide social do trabalho², que pode ser perfeitamente ajustada à lógica da prisão fictícia do centro vertical de autogestão: nos andares de cima, estaria o trabalho ultraqualificado, com maior grau de intelectualização nos ramos de grande impacto tecnológico, informacional e digital; ao centro, o trabalho qualificado, que pode desaparecer conforme alterações temporais e espaciais das plantas produtivas e de serviços; nos andares de baixo, a informalização da força de trabalho, a precarização da classe trabalhadora (dos direitos trabalhistas) e o desemprego, todos estruturais.

O enxugamento das porosidades do tempo do trabalho – seja pelo contrato intermitente, seja pelo trabalho nas plataformas virtuais –, por exemplo, é próprio dos andares de baixo, para onde escasseia a renda e os direitos trabalhistas. O desemprego, por outro lado, tende a acelerar a queda da renda, diante do crescimento do exército de reserva, já em escala global.

Em consequência dessa diversidade de patamares da pirâmide, prossegue o Professor Antunes³, cresce uma classe trabalhadora ampla, heterogênea, complexa e fragmentada, quando comparada com a do século XIX. Há decorrente dificuldade de diálogo e consciência coletiva, pulverização da representação e redução do poder de negociação e mobilização

O poço é uma metáfora para a desigualdade crescente de renda ou da distribuição dos recursos em sociedade. Quais as melhores estratégias para reverter este quadro? Uma passagem de Dom Quixote, citada no filme, talvez aponte um caminho: “*um grande homem vicioso será um grande exemplo de vício, e um rico não generoso será um avaro mendigo, pois o possuidor das riquezas não é feliz ao possuí-las, mas ao despendê-las, e não ao gastar como queira, mas quando as emprega bem*”. Neste contexto, fecunda a discussão em torno da intervenção estatal, em prol do estabelecimento de uma renda básica universal e da taxação de grandes fortunas, como estratégias para o bom emprego das riquezas em sociedade.

² ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018, p.77.

³ *Ibidem*, p.89.